



# O jeito *kitsch* de morar em “A Grande Família”: a representação da classe C na televisão brasileira

*The kitsch way of living in “A Grande Família”:  
the representation of class C on Brazilian television*

Hélcio José Prado Fabri

Designer, doutorando em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), professor nos cursos de Design de Produtos, Design de Moda e Design Gráfico na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: helcio.fabri@terra.com.br

---

## Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre o estatuto da imagem no seriado televisivo “A Grande Família”, por meio de uma leitura da cenografia que representa a casa dos personagens centrais Lineu e Nenê, interpretados pelos atores Marco Nanini e Marieta Severo, respectivamente. Trata-se de uma reflexão para entendimento dos enunciados que reproduzem uma estética *kitsch* nos comportamentos de uma família classe média moradora em um bairro de subúrbio. A intenção é mostrar como a televisão se aproveitou do que denominamos *kitsch* para construir a identidade desta família no seriado. Na primeira parte do artigo, serão tratados os conceitos de seriado e a apresentação contextualizada do objeto em questão. Em um segundo momento, serão apresentadas as definições e tipologias a respeito do *kitsch* e suas representações no seriado.

**Palavras-chave:** *Kitsch*. Classe média. Cenografia. Televisão.

## Abstract

*This article proposes a reflection on the status of the image in television series “A Grande Família” through a reading that represents the scenography of the central characters Lineu and Nenê, interpreted by actors Marco Nanini and Marieta Severo respectively. This is a reflection for understanding the statements that*

---

*reproduce a kitsch aesthetic behaviors in a middle class family who lives in a suburban neighborhood. The intention is to show how television has taken advantage of what we call kitsch to build the identity of this family on the show. In the first part of the article will address the concepts of series and contextualized presentation of the object in question. In a second step, will see the definitions and typologies about the kitsch and its representations on the show.*

**Keywords:** *Kitsch. Middle class. Stage. Television.*

---

## Introdução

As narrativas ficcionais televisivas no Brasil revelam os hábitos, as crenças, tendências e negociações dos grupos sociais que as consomem. Dessa forma, a televisão torna-se um espaço de disputas de forças entre as tradições e as práticas culturais ditas emergentes. Essa constante negociação interfere no comportamento individual e coletivo das pessoas em seu cotidiano.

Um seriado televisivo consiste em uma produção dramatizada construída a partir de uma estrutura em que os episódios podem ser compreendidos tanto separadamente quanto em relação ao conjunto mais amplo em que estão inseridos. Essa alternativa só é possível porque, dentro da unidade maior do seriado, cada episódio apresenta uma autonomia relativa (com início, meio e fim), o que acaba viabilizando o entendimento pontual do telespectador (PALLOTTINI, 1998). A unidade do seriado é concedida por elementos fixos que acompanham todo o programa, tais como, por exemplo, a estrutura narrativa, os personagens ou uma temática central. No entanto, conforme afirma Pallottini, tal coesão é, fundamentalmente, proporcionada por outro motivo. “A unidade se dá por um propósito do autor, por um objetivo autoral, uma visão de mundo que ele pretende transmitir” (PALLOTTINI, 1998). Sendo assim, para que se possa respeitar tal visão presente na obra, o seriado funciona a partir de um processo de conexão, em que os acontecimentos exibidos em um episódio devem estar de acordo com as características presentes no conjunto da série. Para Pallottini, deve haver sempre o cuidado de “não colidir com o que ficou estabelecido como básico e fundamental no caráter dos personagens, na sua vontade, nos seus objetivos” (PALLOTTINI, 1998).

Além disso, é preciso estar atento ao caráter cumulativo do seriado, uma vez que, por se tratar de um produto sequencial, todas as mudanças exibidas num episódio atual também repercutirão em episódios futuros.

## A grande família

Lançada em 1972, a primeira versão do seriado “A Grande Família” foi originalmente inspirada no seriado norte-americano *All in the Family*. Após os dois primeiros anos de exibição, o programa deixou de lado a sua matriz estrangeira e foi adaptado para a realidade nacional, incorporando elementos brasileiros ao seu enredo. No entanto, devido ao falecimento de Oduvaldo Viana Filho, um dos autores, o seriado acabou sendo cancelado logo no ano seguinte. O retorno só veio a acontecer em março de 2001, quando a Rede Globo decidiu investir novamente no programa.

“A Grande Família” narra as situações cotidianas vividas por uma família brasileira de classe média baixa e seus vizinhos. A partir da óptica do humor, o seriado aborda de forma crítica temas como as crises conjugais, os conflitos de gerações, as dificuldades profissionais e financeiras, o papel da mulher, a ética e o machismo. Tais temáticas compõem uma das principais características do programa, que é a proximidade entre os casos que estão sendo narrados, com temas atuais e a realidade de muitos brasileiros.

A temporada de 2001 usa como palco uma casa modesta de um bairro no subúrbio do Rio de Janeiro onde vive a família de Lineu Silva (Marco Nanini), um veterinário íntegro e responsável, que ganha a vida como fiscal sanitário. Com os poucos rendimentos de sua profissão, ele sustenta a mulher

Nenê (Marieta Severo), os filhos Tuco (Lúcio Mauro Filho) e Bebel (Guta Stresser), o sogro Floriano (Rogério Cardoso) e o genro Agostinho (Pedro Cardoso). Nenê, uma dona de casa exemplar e mãe coruja, é a figura conciliadora da casa, responsável por mediar os conflitos entre o marido e o resto da família, mesmo que isso signifique acobertar as confusões que os filhos e o genro vivem aprontando.

Buscando explorar o lado engraçado das situações, o funcionamento deste programa gira em torno dos acontecimentos corriqueiros que permeiam a vida dos personagens centrais. Os problemas e as confusões constituem os principais esquemas narrativos e costumam ser desenvolvidos dentro de alguns ambientes fixos que compõem a temática central do seriado. Além disso, como todo o humor se fundamenta na postura dos personagens diante dessa situação-chave, o seriado requer que haja uma forte caracterização das pessoas envolvidas na trama, de forma que o público possa apreender rapidamente os jeitos e as personalidades ali presentes.

Na primeira temporada da nova versão de “A Grande Família”, o principal cenário fixo do programa, a casa da família Silva, reproduzia três quartos, um banheiro, uma cozinha com copa integrada, uma varanda e uma garagem para abrigar o automóvel Belina de Lineu.

## O *kitsch*: a arte da felicidade

Segundo Abraham Moles, o termo *kitsch* “está ligado à arte de maneira indissociável, assim como o falso liga-se ao autêntico” (MOLES, 1994, p. 10). Para o ele, o *kitsch* pode estar relacionado com as propriedades formais dos objetos e dos elementos ambientais ou, ainda, com as relações específicas que o homem mantém com estes objetos, tanto como criador quanto como consumidor.

O termo *kitsch* foi usado pela primeira vez na literatura científica na metade do século XX, na obra intitulada *Esprit du Temps*, escrita pelo sociólogo francês Edgar Morin. Entretanto, aparece em Munique por volta de 1860, originário da palavra alemã *kitschen*, que quer dizer atravancar e, mais especificamente, fazer móveis novos com velhos. No sentido pejorativo, há ainda a palavra *vertkitschen* (trapacear, receptar, vender outra mercadoria no lugar da que havia sido prometida). Nesse caso a palavra

ganha a significado de falsificação, uma negação do autêntico. Para Ludwig Giesz, em *Phänomenologie des Kitsches*, o vocábulo derivaria de uma corruptela do termo inglês *sketch*, surgido na segunda metade do século XIX, quando turistas americanos compravam imitações de arte na Alemanha por preços irrisórios.

A palavra *kitsch*, que se mantém intraduzível nas línguas latinas, conquistou o mundo, simbolizando um conceito universal para representar a atitude da sociedade perante os objetos de consumo ou um estilo marcado pela ausência de estilo, infiltrado em diversos segmentos de manifestações artísticas e estéticas apoiadas pela indústria cultural e pelos meios de comunicação de massa. A indústria cultural foi a propagadora do *kitsch*, ao promover a reprodução em série as obras de arte para agradar o gosto da classe média burguesa em ascensão, fazendo com que estas perdessem seu grau de autenticidade.

Do *kitsch* nas obras de arte temos o exemplo do artista dadaísta Marcel Duchamp com sua obra *A Fonte* (1971) e Andy Warhol na *pop art*, com as obras *Marilyn Monroe* (1967) e *Campbell Soup* (1968). Das artes plásticas, o *kitsch* percorreu a arquitetura, a decoração de interiores, a literatura, a música, o vestuário, entre outros campos.

A história do *kitsch* pode ser dividida em dois períodos. O primeiro deles coincide com o surgimento da indústria manufaturada e está relacionado com a crescente expansão social e o surgimento e ascensão da burguesia, que desejava os mesmos objetos de arte consumidos pela nobreza, porém a um preço mais justo. Artesãos e pintores eram contratados para reproduzir móveis, quadros e peças de decoração usadas pela aristocracia. O segundo período do *kitsch*, batizado por Moles de *Neokitsch*, inicia-se na década de 1920, com o surgimento dos grandes supermercados, principalmente nos Estados Unidos, França e Inglaterra. O homem passa a consumir por impulso, seduzido pelos encantos da oferta de produtos nos chamados templos de consumo e pela influência da moda. Nesta fase o *kitsch* foi criticado pelos integrantes da Escola de Frankfurt, entre eles, Theodor Adorno e Walter Benjamin, que contestavam a apropriação que certas tendências artísticas faziam da verdadeira arte estética, única e autêntica.

Nos dias de hoje, a estética *kitsch* ainda pode significar para alguns o mau gosto, muitas vezes confundido com brega, enquanto que para outros, pode significar a manifestação do gosto popular.

Uma definição simplista do *kitsch* seria dizer que ele é a mistura de vários estilos, ou que ele é a expressão do exagero. Mas o que pode parecer *kitsch* para uma cultura, pode ser obra de arte para outra. Desta forma um objeto considerado *kitsch* deve ser analisado dentro do contexto em que está inserido.

No que se refere aos aspectos da tipologia, os objetos ou mensagens unitárias reúnem neles próprios as propriedades do *kitsch* em formas, cores, materiais e dimensões. Para Sêga (2008), os indicadores que definem a presença do *kitsch* em objetos são:

- Imitação (de uma obra de arte ou outro objeto);
- Exagero (na linguagem visual ou na linguagem verbal);
- Ocupação do espaço errado (um carrinho de pedreiro usado como jardineira em um canteiro de jardim);
- Perda da função original (uma garrafa de vinho usada como castiçal).

Abraham Moles propõe uma tipologia do *kitsch* para estabelecer parâmetros ou características gerais para se analisar se um objeto ou um grupo de objetos se enquadra nesta referência. Esta tipologia é aplicada a dois aspectos do *kitsch*: sobre objetos isolados, que por si só contêm toda uma carga da estética; e sobre grupos de objetos que, analisados sob o ponto de vista de um contexto específico, constituem um sistema *kitsch*, mesmo que ao serem vistos isoladamente não apresentem nenhum de seus sinais. De acordo com cada período histórico, o *kitsch* recorre a determinadas formas, mas, em geral, as formas preferenciais seguem estas propriedades, inseridas dentro de uma tipologia de forma elementares:

- Curvas que se ligam umas às outras, de modo progressivo e contínuo, são exemplos do estilo macarrônico (que tem este nome por analogia às deformações e curvaturas que o macarrão sofre no seu cozimento). Um exemplo disso são as entradas do metrô de Paris, uma das maiores obras do movimento Art Nouveau, bem como os elementos

florais característicos deste período artístico (as curvas mencionadas são predominantes do início do século XX, quando esse estilo era a febre da sociedade de consumo);

- Ornamentação rebuscada, usando objetos, na maioria das vezes, dispostos em superfícies repletas de representações, símbolos ou adornos;
- Cores puras contrastantes, tonalidades de branco, as passagens do vermelho para o rosa, violeta e lilás. A combinação de todas as cores do arco-íris, misturadas ao máximo, no mesmo objeto ou na composição de um ambiente, também se faz presente. Tratam-se de um “jogo duvidoso de cores”, segundo o “bom gosto”;
- Materiais imitando outros materiais. A madeira simulando o mármore, o plástico, a porcelana, o tecido, o bronze, o ouro. São disfarçados por verniz, pintura, gesso e tudo que possa, de acordo com o significado do termo *kitsch*, fazer uma mercadoria parecer-se com outra.

Um segundo aspecto de tipologia *kitsch* proposta por Moles, refere-se aos critérios de agrupamentos de objetos e neste caso, o que está em jogo é a ligação entre todos os elementos e não os próprios elementos:

- Critério de empilhamento, constituído de inúmeros objetos diversificados (ou elementos) empilhados em um volume de espaço com superfície restrita. Cada objeto possui sua “zona própria” avaliada por um raio de influência. Quando os objetos se multiplicam em um ambiente, as suas “zonas de influência” começam a se tocar, disputando o espaço entre si. É a chamada “pressão *kitsch*”;
- Critério de heterogeneidade: não há relação direta entre os elementos, o que algumas vezes pode gerar um surrealismo inconsciente;
- Critério de antifuncionalidade: ocorre um agrupamento espontâneo de

- objetos que, em si, não têm nenhuma função que o justifique;
- Critério de autenticidade *kitsch*: este critério diz respeito ao modo como cada objeto é adquirido. Um espaço *kitsch* geralmente não é finalizado de uma hora para outra. Ele constitui um lento desenvolvimento, uma acumulação triunfante de troféus de viagens, símbolos de uma ascensão social ou econômica que têm uma ligação profundamente emocional com seu dono. Trata-se da construção de lembranças de uma vida.

Em um ambiente considerado *kitsch*, surgem espontaneamente diversas oposições dialéticas entre os signos que o compõem: o exótico ou o terreno, a tradição ou a ficção científica, o heroísmo ou o despojamento dos contos de fada, o religioso ou o profano, o casto ou o sensual, entre outros. Para Moles “todos estes sistemas de oposição têm o papel de estimular uma atividade emotiva que confere plenitude à vida e que pertence, sociologicamente, ao fenômeno artístico, ainda que seja execrada pelo esteta” (MOLES, 1994).

Ao analisarmos neste produto televisivo os diferentes elementos das enunciações (figurinos, cenografia, imagens, sonorização, falas) a respeito de grupos sociais percebemos que o *kitsch* se enquadra nas representações de “A Grande Família”. Em todos os episódios da temporada que se iniciou em 2001 existem indícios de que o seriado busca evidenciar a diversidade que compõe o universo da classe média baixa na sociedade contemporânea. O *kitsch* está na presença de imagens de santos católicos, objetos corriqueiros de consumo popular, nas capas dos eletrodomésticos, nos personagens caricaturais, nos excessos das estampas dos figurinos, na extravagância nas cores, que disputam espaço no cenário que serve de ambientação para a representação dos conflitos desta família.

Para identificar a real existência dos elementos do *kitsch* no seriado foram usadas as tipologias das formas elementares, dos agrupamentos de objetos e das oposições dialéticas propostas por Abraham Moles. Como objeto desta reflexão foram selecionados os seguintes episódios, cujos frames foram capturados do DVD “A Grande Família” (2002) e do site YouTube:

- Temporada 2001, episódio 1.18, “A Melhor Casa da Rua”;
- Temporada 2001, episódio 1.36, “O Velho Gostoso”;
- Temporada 2009, episódio 9.31, “A Febre do Bode chega ao Bairro da Família”;
- Temporada 2009, episódio 9.35, “Nem Tuco está Perdido”;

Para esta reflexão foi escolhido o ambiente da sala de estar e da cozinha família Silva, já que este ambiente aparece com frequência nos episódios do seriado. O historiador Carlos Lemos em sua obra *A Casa Brasileira*, enfatiza que o ato de morar é uma manifestação de caráter cultural, e enquanto as técnicas construtivas e os materiais evoluem no transcorrer do tempo, o habitar um espaço, além de manter vínculos com a modernidade, também está relacionado com os usos e costumes tradicionais de uma sociedade. Com relação a evolução da casa brasileira, destaca que a partir dos anos 40 surge uma modalidade nas construções residenciais direcionadas às classes trabalhadoras, a autoconstrução, alheia aos códigos de obras e regras, sem um plano geral. “Nessas habitações, há o isolamento do local de dormir, sempre minimizado e o destaque do local de estar, invariavelmente confundido com a cozinha” (LEMOS, 1989). A superposição dos ambientes de estar, lazer e serviço em um mesmo espaço é uma característica deste tipo de casa popular, presente na cenografia de “A Grande Família”. Nos episódios da temporada de 2001, sala de estar, jantar e cozinha são conjugados (Figura 1), o que favorece a comprovação da “pressão *kitsch*” proveniente da tipologia do empilhamento, em que vários móveis e objetos disputam o mesmo espaço, misturando as suas zonas de influência.

Trabalho e lazer se misturam na casa da família Silva, pois no ambiente de estar uma mesa de escritório disputa espaço com a televisão. Sobre a cristaleira, um agrupamento espontâneo de objetos sem uma função aparente: uma coleção de pratos imitando cerâmica portuguesa, a imagem de uma Nossa Senhora, um relógio decorado com dois gansos e pendurado na parede um quadro com aplicação de um peixe reforçam o caráter *kitsch* da decoração, destacado pelos critérios da heterogeneidade e da antifuncionalidade.

Na sala de estar da D. Nenê uma coleção de lembranças, coisas compradas em lojas do subúrbio, presentes dados por familiares e amigos, objetos herdados de gerações (Figura 2), configuram os critérios de autenticidade *kitsch*.

As paredes das salas de estar e jantar são coloridas de rosa em contraste com os elementos vazados em cerâmica amarela, o azul celeste dos azulejos e dos móveis da cozinha, estes protegidos com toalhas plásticas rendilhadas demonstram a ornamentação rebuscada, repleta de adornos.

A tipologia das formas elementares do *kitsch* esta representada nos elementos pendurados sob as paredes, as memórias do passado nos retratos dos filhos, réplicas de paisagens distantes e uma coleção cachos de uvas em gradações de cor que vão do violeta ao verde.

Tais características *kitsch* representam a formas de habitar da classe média baixa brasileira. Entretanto, há vários anos os brasileiros formadores da classe C deixaram de ser coadjuvantes e têm ocupado um papel cada vez maior na economia do país. No ano de 2007 três importantes instituições (Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, o IPEA e o Instituto Ipsos) divulgaram pesquisas que apontam o surgimento de uma nova classe média no Brasil. Um número em torno de 20 milhões de brasileiros que melhoraram seu poder aquisitivo e somaram-se à parcela que hoje representa metade da população brasileira. Graças ao crédito, neste novo cenário econômico brasileiro, a classe C consome mais e com qualidade e o abismo social tem ficado menor.



**Figura 1** - Frames do episódios 1.36 – Tipologia do Empilhamento

Fonte: Capturado do DVD.



**Figura 2** - Frames do episódios 1.36 – Tipologia de formas elementares

Fonte: Capturado do DVD.

O crescimento social e o aumento do poder aquisitivo desta classe estão representados em “A Grande Família”. Nos episódios da temporada de 2009, Lineu possui um carro do ano, a casa da família é maior e mais compartimentada, os eletrodomésticos são mais novos. Na nova casa de Lineu e Dona Nêne, os ambientes de estar, jantar e serviço encontram-se isolados, mas ainda destaca-se o excesso de móveis e objetos decorativos, confirmando a tipologia de empilhamento.

Na proposta de classificação apresentada por Sêga (2008), um indicador do *kitsch* trata da ocupação do espaço errado. Sob esta ótica, a fachada da casa da família Silva se inclui nesta classificação ao servir como suporte de vasos de plantas e samambaias em quase toda a sua extensão. Nesta temporada

se destaca o aspecto da imitação com a presença das jarras de água simulando abacaxis, elementos marcantes nas cenas em que a família aparece em situações na cozinha ou refeições (Figura 3).

Quanto aos materiais disfarçados, a cozinha, agora maior e mais moderna, apresenta um revestimento que simula o mármore em seu acabamento. Nela, ainda se vêem eletrodomésticos, tais como o liquidificador e a batedeira cobertos com uma capa de tecido. As cores agora não são tão vibrantes, mas os contrastes suaves e pastéis de rosas, amarelos e azuis ainda existem. Os cachos de uvas pendurados na parede agora se encontram emoldurados e o quadro com peixe agora dá lugar a um leme, circundado pela coleção ampliada de pratos da Dona Nenê (Figura 4). Pratos multicoloridos,



**Figura 3** - Frames do episódios 9.31 – Ascensão social  
Fonte: Capturado do DVD.



**Figura 4** - Frames do episódios 9.35 – Ascensão social  
Fonte: Capturado do DVD.



provenientes de outros lugares, de outras lembranças. Elementos *kitsch* para representar simbolicamente o comandante da família Lineu e sua esposa, companheira no comando desta grande família brasileira.

## Considerações finais

Múltiplos indícios de uma tipologia *kitsch* foram percebidos nesta reflexão. Objetos de gosto duvidoso, exageros, imitações, simulações, misturas inusitadas, contrastes, referências. Moles destaca que o *kitsch* é um conceito universal e permanente, presente em graus diversos, em todas as culturas possessivas, embora esteja associado a classe média. Se o *kitsch* não é arte, ele é pelo menos uma representação estética da vida cotidiana. A casa de “A Grande Família” nos remete a casa da avó querida, com estantes cheias de *souvenirs* e objetos cheios de significado, para serem explorados, admirados, interpretados. É uma casa repleta de doces memórias, algo familiar, que faz com que o telespectador se identifique e torne memorável. Parafraseando novamente Moles, o *kitsch* é como a felicidade, serve para todos os dias.

## Referências

- A GRANDE FAMÍLIA. Compilação com seis episódios do seriado A Grande Família, escrito por Oduvaldo Vianna Filho e Armando Filho, protagonizado por Marco Nannini, Marieta Severo, Rogério Cardoso, Lúcio Mauro Filho, Guta Stresser e Pedro Cardoso. Seriado. Brasil, 2002. 1 disco, som, color.
- A GRANDE FAMÍLIA. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-258078,00.html>>. Acesso em: 30 ago. 2012.
- LEMOS, C. A. C. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.
- MOLES, A. **O kitsch**. São Paulo: Perspectiva, 1994. (Coleção Debates).
- PALLOTIINI, R. **Dramaturgia de televisão**. São Paulo: Moderna, 1998.
- SÊGA, C. M. P. **Kitsch e suas dimensões**. Taguatinga (DF): Casa das Musas, 2008.

Recebido: 15/08/2012  
Received: 08/15/2012

Aprovado: 02/10/2012  
Approved: 10/02/2012